

**MEMÓRIAS DAS MEMORIE.  
UMA BREVE CONTRA-HISTÓRIA EDITORIAL  
DAS PRIMEIRAS TRADUÇÕES ITALIANAS DE MACHADO.**

**Vincenzo Russo**

*Cátedra António Lobo Antunes  
Università degli Studi di Milano Statale*

**Considerações preliminares**

Na articulada e vasta recepção internacional das obras de Machado de Assis que, hoje em dia, mereceria estudos mais aprofundados porque provavelmente rescreveriam a *vulgata* histórica da fortuna do romancista brasileiro em outras línguas e outras culturas, pensei que o caso italiano ainda poderia reservar algumas pistas interessantes de discussão crítica. Optei, portanto, por trazer uma experiência de leitura de um Machado lateral, talvez marginal, que tem a ver com a recepção italiana da sua obra que, aliás já foi abundantemente tecida por Sonia Salomão (2023) mas também por trabalhos mais didascálicos de Francesca Barraco (2009) e Anna Palma (2012). Na verdade, o nosso intuito é de contribuir para uma proposta de análise que saiba criar um curto-circuito teórico em que a tradução se alie à história das traduções e dos tradutores, à reconstrução da história do livro e da história da edição do País de recepção, às políticas e às tecnologias editoriais e culturais que estão atrás das escolhas dos atores culturais que dizem respeito à recepção de um autor “estrangeiro” num sistema literário nacional: em suma, o que tentaremos fazer é também uma história política das mediações culturais e das perversões ou dos equívocos que esses processos implicam.

A segunda metade do século XIX coincide com a primeira grande temporada marcada por uma certa atenção dada pela cultura italiana às literaturas de língua portuguesa: atenção que foi dada, diga-se de passagem, mais à realidade portuguesa que a brasileira.

O século XIX é o século da reunificação da Itália (1861) e das grandes mudanças sociopolíticas e económicas. A capital do Reino passa de Turim (capital da monarquia e da família real dos Saboia) para Florença (capital de Cultura, até então), e mais tarde para Roma (capital política e religiosa, finalmente livre da opressão do Estado Pontifício, 1871). Do ponto de vista da leitura, há um dado sociológico para destacar: logo depois da unificação italiana, numa população que mal chegava a 22 milhões de habitantes, 14 milhões eram analfabetos. Graças às várias e profundas reformas escolares, em 1901 os italianos alfabetizados chegam a 50 por cento do total da população. Do ponto de vista da cultura editorial, remonta ao ano de 1865 a lei sobre o direito da propriedade intelectual dos autores que estabelece como os direitos literários devem vigorar até 40 anos depois da morte do autor. A indústria cultural e editorial vai-se rapidamente desenvolvendo no Norte do País: a linha Turim-Milão, pelo menos na concentração editorial, irá permanecer até hoje. Roma, a capital política da nação, representou sempre uma anomalia por não ter tido um papel relevante no panorama editorial italiano.

A atenção dada ao mundo português ou de língua portuguesa privilegia os clássicos e, em particular a obra de Camões, que como é sabido, se torna em Itália leitura obrigatória para os intelectuais nacionalistas que aspiram à Libertação da Itália da opressão dos Habsburgos no Norte, dos Borbons no Sul e da hegemonia do Vaticano no Centro da Itália. Contudo, essa atenção começa a dirigir-se também para os clássicos contemporâneos ou quase: a primeira tradução italiana de Eça de Queirós, que morreu em agosto de 1900, é por exemplo de 1903. A primeira tradução italiana em volume de Machado de Assis – excetuando a tradução de Antonio Piccarolo de *Dom Casmurro* publicada em São Paulo em 1914 no contexto da emigração intelectual italiana no Brasil –, que morreu em 1908, é de 1928. Traduções, portanto, póstumas para os dois mais importantes romancistas de língua portuguesa de Oitocentos. Para ter uma ideia de como se foi desenvolvendo a recepção das Literaturas de língua portuguesa em Itália é preciso ter em conta as especificidades do contexto nacional: estudar a recepção da Literatura Portuguesa

e Brasileira em Itália implica um levantamento cuidadoso das histórias muitas vezes subterrâneas da tradição tradutiva, crítica, e editorial que as obras dos autores portugueses e brasileiros conheceram ao longo do séculos XIX e XX.

Antes de aprofundar a análise da tradição tradutiva do primeiro Machado em Itália, seria importante por exemplo evidenciar algumas questões críticas bastante relevantes que muitas vezes escaparam a quem se interessou pela recepção italiana de autores portugueses e brasileiros. Algumas considerações preliminares poderão funcionar de memorando para uma futura história da recepção das Literaturas portuguesas e brasileiras em Itália:

a) no estudo sistemático, de amplo espectro disciplinar, das relações culturais entre Brasil/Itália, não poderá deixar de ter um papel decisivo um levantamento das relações institucionais (diplomacias, instituições, ministérios). O caso de Carlos Magalhães de Azeredo<sup>1</sup> – relativo ao caso de Machado – é bastante paradigmático do processo de mediação linguística, cultural e editorial.

b) Uma história das relações académicas – simbolizada pela criação da primeira Cátedra de Língua e Literatura Portuguesa em Itália constituída em Nápoles em 1946 e atribuída a Giuseppe Carlo Rossi o primeiro lusitanista académico italiano – contribuiria para fornecer não só um documento de arqueologia científica e erudita mas ajudaria também, na vertente da histórias das traduções literárias de português para italiano, a compreender o complexo funcionamento das relações entre tradutores não-académicos e tradutores académicos. Já na segunda metade do séc. XX, ao lado dos tradutores académicos, os tradutores não-académicos deixaram de ser figuras ecléticas (tradutores de várias línguas, especialmente do castelhano) para se tornarem tradutores especializados em língua portuguesa e nas suas culturas.

Que a questão de historicizar todos esses processos seja fundamental é confirmado pelo facto de a história da recepção literária portuguesa e brasileira em Itália conhecer uma mudança de paradigma a partir da segunda metade do século XX, depois da Segunda Guerra Mundial, aquando da difusão do ensino

---

<sup>1</sup> De Carlos Magalhães de Azeredo (Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1872 — Roma, 4 de novembro de 1963), advogado, jornalista, diplomata e escritor brasileiro e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras falaremos como mediador cultural e divulgador da obra de Machado de Assis em Itália nas próximas páginas.

universitário da Língua e da Literatura Portuguesa e Brasileira que vê a aparição de uma constelação de lusitanistas e brasilianistas que foram também tradutores, pelo menos no início da carreira, mas deixando ao longo de algumas décadas, várias obras traduzidas. Lusitanistas e/ou brasilianistas e ao mesmo tempo tradutores como foram, por exemplo, docentes pioneiros como Luciana Stegagno Picchio e Beppe Tavani que se dedicaram à divulgação alta e à difusão das literaturas de língua portuguesa através de um enorme esforço tradutivo.

No caso das traduções machadianas pelo menos até a metade do séc. XX, encontramos figuras ecléticas como o jornalista e crítico teatral Mario da Silva e o funcionário diplomático Giuseppe Alpi. Uma contra-história das primeiras traduções italianas de Machado provavelmente não vai iluminar as razões que induziam António Cândido a afirmar, ainda na década de 70 do século XX, que Machado era *invisível fora do Brasil* nem contribuirá pra explicar o enigma (se é disso que se trata) relativo à pouca penetração da obra de Machado em Itália, esse país que o autor de *Dom Casmurro* cultuou ao longo da sua vida através dos mais variados canais, aliás bem conhecidos. O teatro, a ópera, as artes do circo, os livros que circulavam na Rio de Janeiro finissecular, tal como a atenção dada à causa italiana da unificação política e territorial. A Itália de Machado de Assis foi um País-cultura que, de alguma forma, o bruxo da Cosme Velho visitou também através da correspondência com Carlos Magalhães de Azeredo, diplomata de longo curso e com funções na Santa Sé desde 1896, amigo de imperadores (Pedro II) e de Papas, e correspondente epistolar de Machado.

A primeira carta que me escreveu de Rocca di Papa (não ponho a data para não acentuar a distância desta) deu-me invejas pela descrição de Roma. Fala-me em lá ir, mas eu já agora tenho outra e única Roma, mais perto e mais eterna. Não creio já na possibilidade de ir ver o resto do mundo. Aqui nasci, aqui morrerei; terei conhecido apenas duas cidades, a de minha infância e a atual, que na verdade são bem diversas; fora destas, alguns lugares do interior, poucos. Há de adivinhar o pesar que me fica. A Itália dá-me não sei que reminiscências clássicas e românticas, que faz crescer o pesar de não haver pisado esse solo tão amassado de história e de poesia. Talvez algumas coisas não correspondam à imaginação; a mor parte delas há de excedê-la, e onde houver ruínas, quaisquer que sejam, há um mundo de coisas perenes e belas. Onde as achar, onde vir palácios, quadros, um recanto de costumes, não se esqueça de mim, que lerei as suas notas com grande prazer (17 de Novembro de 1896 in *Correspondência*, Tomo III, 188)

Todavia, a partir dessa contra-história das duas primeiras traduções das *Memorie* – porque é delas que iremos tratar - podemos tecer algumas considerações teóricas acerca de uma certa distorção com o

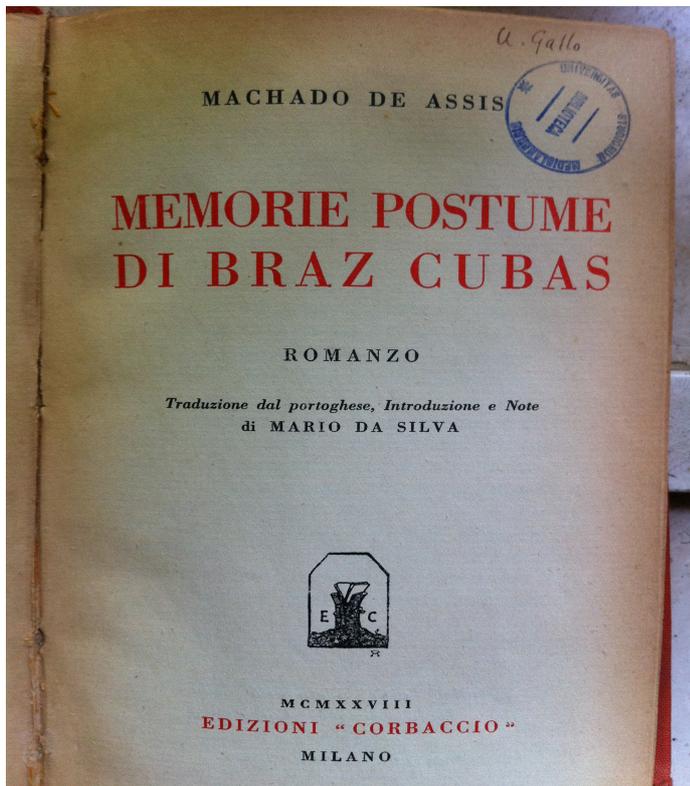
qual o sistema cultural e editorial italiano introduziu Machado no nosso País. É claro que a perspectiva vem de Yves Chevrel de *La Litterature Comparée* segundo o qual é preciso, numa dimensão de história literária comparada como história comparada das traduções, pôr a tónica sobre o grau de integração no sistema de acolhimento, que pode reforçar a obra de um autor, deixar indiferente ou mesmo contrariar a sua penetração.

A ideia – que tentarei desenvolver criticamente – é que o “primeiro Machado italiano” foi protagonista (talvez, vítima) de uma leitura equivocada e duma recepção “fora do lugar”. Dentro do âmbito da recepção de autores da *litteratura estrangeira* em Itália que tem o seu *boom* a partir da primeira década do século XX e que atravessa problemáticamente a rutura que os vinte anos de Fascismo (1922-1943) e a Segunda Guerra Mundial (1940-1945) impõem ao sistema editorial, iremos privilegiar a análise das duas editoras que publicam (com algum espanto para o historiador de hoje) no biénio 1928-1929 duas traduções italianas do romance *Memórias Póstumas de Braz Cubas*: a editora Corbaccio de Milão, cidade que desde a Unificação política da nação, foi a verdadeira capital do mundo editorial italiano, e a editora Carabba de Lanciano, uma pequena vila da região do Abruzzo, provinciana e afastada dos grandes centros de produção intelectual e editorial do País.

O projeto Corbaccio e o projeto Carabba devem ser lidos em contraponto enquanto proposta editorial, mas que, no meu parecer, podem representar, com algum grado de aproximação, uma das causas que contribuiu para marcar, desde o início, uma certa invisibilidade de Machado no panorama italiano: uma invisibilidade que perdura nos dias de hoje, apesar da retomada de traduções machadianas nas décadas de 50 e na primeira década dos anos 2000. Machado continua a ser em Itália um clássico *periférico* para um nicho de poucos leitores especializados.

## Duas editoras, dois projetos, dois Machados

### O Machado da Corbaccio



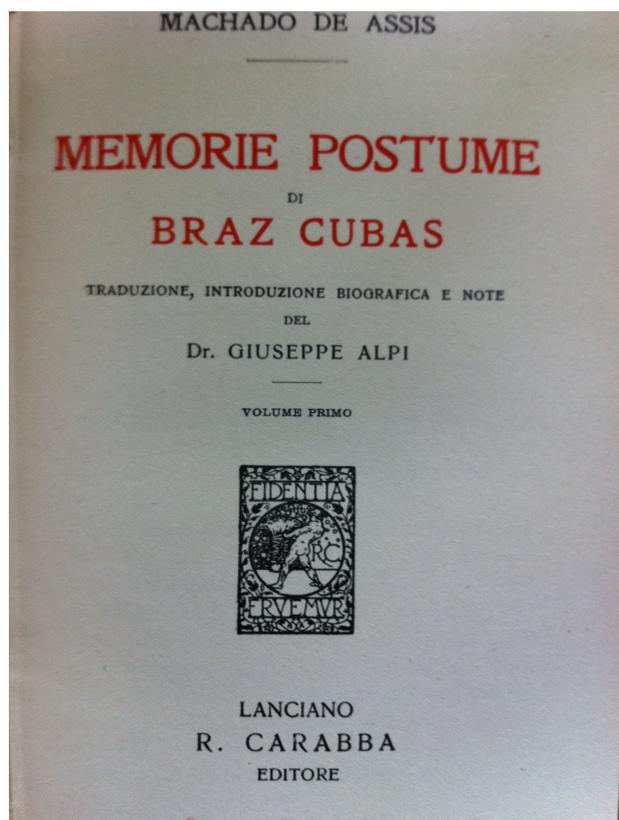
A editora Corbaccio teve várias vidas ao longo da sua existência. O primeiro ciclo da editora fundada em Milão pelo Enrico Dall'Oglio vai de 1919 até 1943 quando a editora, por várias razões (uma delas a guerra), terá de suspender as suas publicações. Já na década de Vinte, a editora é reconhecível pela sua identidade e pela orientação cultural e reconhecida como uma das editoras do futuro: «Corbaccio é uma editora fundada em 1918 cujo diretor a partir de 1923 é Enrico dall'Oglio, um jovem magro que se poderia tornar em breve o maior editor de Itália, no qual caso engordaria certamente» (Formiggini, 1928).

O Machado da Corbaccio é fruto, quase ocasional, de uma abertura consistente à Literatura Estrangeira que o editor Enrico Dall'Oglio quis orientar também pra escapar à censura fascista e ao pântano das ameaças, nem sempre veladas, que o editor recebia por parte da polícia de regime. O antifascismo - substanciado em certo socialismo (que desembocava em acusações de supostas ligações à Maçonaria italiana) de Dall'Oglio - era conhecido publicamente e orientava as escolhas editoriais com coleções de ensaios políticos declaradamente contra o Mussolini, em alguns casos, até apreendidos pela censura. Virar a política editorial importando autores como Ramón Gomez de la Serna ou Machado de

Assis atribuindo as traduções do espanhol e do português a um obscuro jornalista teatral como Mario da Silva era uma maneira de desprovincializar um certo leitor italiano. A intenção da editora Corbaccio era dirigir-se não só o leitor da media-alta burguesia letrada italiana, mas também ampliar essa plateia habitual com novos leitores e leitoras.

O primeiro tradutor em Itália de Machado, Mario da Silva, que assina uma interessante apresentação do autor brasileiro, é uma daquelas figuras ecléticas de mundo editorial italiano do século XX: traduz do castelhano e do português (nos anos 50 traduz obras também de Jorge Amado) como já foi evidenciado e tem uma breve produção também como tradutor do italiano para o português assinando, por exemplo, a edição no Brasil do livro do jornalista Paolo Monelli, *A libertação de Roma*, Rio de Janeiro, Vecchi, 1949 [tradução de *Roma 1943*, Roma, Migliaresi Editore, 1<sup>a</sup> edizione 1945].

### O Machado da Carabba



O Machado de Carabba (*Memorie Postume di Braz Cubas*, 2 volumes), publicado em 1929, isto é, apenas um ano depois da edição Corbaccio, com «traduzione, introduzione biografica e note del Dr.

Giuseppe Alpi» se apresenta, aos nossos olhos, como uma espécie de extravagância editorial: porque reeditar o mesmo romance de um autor brasileiro, de todo inédito e desconhecido em Itália, apenas um ano depois da primeira edição? Será que a edição Carabba pretendia ter a primazia cronológica tendo em conta de que no fim da *Introduzione*, o Dott. Giuseppe Alpi (tal como ele assina) aponta a seguinte datação: *Roma, febbraio 1928*. Resta a dúvida. Pensando também que em 1930, a primazia italiana da tradução de *Dom Casmurro* é reivindicada na própria capa do livro «tradotto per la prima volta in italiano da pelo Giuseppe Alpi» cujo nome agora aparece sem o título de “Dr.”.

O Machado da Carabba, sobretudo se tivermos em conta a coleção na qual foi introduzida que se intitulava *Antichi e Moderni* do intelectual siciliano Antonio Giuseppe Borgese, germanista e próximo das posições da filosofia idealista de Benedetto Croce, é um caso ainda mais complexo de uma confluência de interesses: por um lado, a tradução é atribuída a um tradutor informado sobre as coisas do Brasil e patrocinado pela Embaixada do Brasil na Santa Sé, através da amizade que Giuseppe Alpi (ou melhor, o Dr. Giuseppe Alpi) tem com Carlos Magalhães de Azeredo, cujas função de mediador entre a obra de Machado e da sua divulgação em Itália mereceria ser investigada.

Aqui apenas concordámos com os comentários de Sérgio Rouanet acerca da ambígua relação epistolar entre Machado e Magalhães de Azeredo que é um notável documento para o crítico machadiano, mas também revelador de alguma sóbria impaciência por parte de velho Machado para com a hipertrofia - até entediante - de Carlos Magalhães de Azeredo<sup>2</sup>:

Examinando-se a distribuição dos correspondentes, nota-se uma participação desproporcional de Magalhães de Azeredo. [...] A partir de 1892, as cartas de e para Azeredo predominam de modo avassalador. Até o final de 1900, são 58 cartas de Azeredo para Machado, e 32 deste para Azeredo, ou seja, ao todo 30,1% do conjunto de documentos coligidos neste volume. O prefácio da edição preparada por Carmelo Virgillo da correspondência de Machado e Azeredo (1969) explica a razão dessa abençoada avalanche. Ao contrário das dezenas de cartas escritas e recebidas por Machado que se perderam irremediavelmente ou jazem no fundo de um velho baú de colecionador, as trocadas entre Machado e Azeredo foram guardadas até o fim pelos dois correspondentes. Sentindo-se próximo da morte, Machado pediu a Veríssimo que devolvesse a seu autor os originais das cartas dele recebidas. **Posteriormente Azeredo doou todo esse acervo epistolar à**

---

<sup>2</sup> Azeredo deve ter exasperado Machado por suas incontáveis exigências e reclamações, cobrando que Machado lhe escrevesse mais, encarregando-o de negociar condições com editores no Rio para a publicação das suas obras etc. Além disso, o rapaz tinha uma visão exagerada de seu brilho intelectual, o que deve ter incomodado Machado, que em seu orgulhoso pudor sempre preferiu ostentar uma sábia e calculada modéstia.

**Academia Brasileira de Letras. E eis como um escritor pouco valorizado hoje em dia chegou à posteridade pelo mero fato de ter tido o dom de relacionar-se com o maior escritor do Brasil. E é bom que seja assim. Samuel Johnson é mais importante que James Boswell, mas sem Boswell não saberíamos tanto sobre o Dr. Johnson.** (Rouanet, p. VIII)

O papel de Giuseppe Alpi, figura ligada ao Regime fascista através do vínculo institucional com o Instituto Cristoforo Colombo e à Revista *Colombo* (na qual teria publicado uma nota crítica sobre Machado que não conseguimos individualizar) se cruza com os interesses do responsável (a pedido do editor Rocco Carabba) da coleção, Antonio Giuseppe Borgese, de introduzir na cultura italiana um gosto e um imaginário esterófilo que flirtaria com o orientalismo (o caso da tradução de *A Relíquia* de Eça de Queirós na Carabba é paradigmático), com o misticismo, com a magia, com a teosofia, com o esoterismo, com a mística e até com o racismo confluindo numa mistura drogada e confusa que nasce à sombra dos regimes ditatoriais (Oliva, 1999). Dos 76 títulos da coleção *Antichi e Moderni*, Machado parece ser - aos nossos olhos - uma escolha totalmente bizarra se não fosse a leitura equivocada com o qual se propõe ao leitor italiano dos finais dos anos 20: Machado, como representante tropical, mas “europeizado” e “europeizável” de um pessimismo à Schopenhauer que revelava que a solução à angústia do homem moderno era apenas a fuga e um certo cinismo perante os homens e as coisas, numa zona de sombra em que o irracional dominava.

O caso do tradutor Giuseppe Alpi também merece ser analisado até porque o próprio foi alvo de um juízo pesadíssimo por parte de Agripino Grieco já em 1959 num volume clássico como *Machado de Assis*:

As primeiras traduções de Machado de Assis foram impulsionadas por um entusiasmo irrisível de admiradores que não tinham nenhuma ligação conosco. Traduções impulsionadas por brasileiros ligados a estrangeiros por algum vínculo, aqui ou em terras longínquas. O professor Adrien Delpech era um professor francês que dava aulas no Rio. O dr Giuseppe Alpi, ao insistir em trazer para Itália o escritor carioca, era amigo de Carlos Magalhães de Azeredo e um vago funcionário na nossa embaixada em Roma (Grieco 1959, agora in Barraco, 2009, p. 152).

Na verdade, Giuseppe Alpi está ligado - por razões profissionais e por amizade - a Carlos Magalhães de Azeredo a quem dedica um estudo informado mas bastante celebratório intitulado *Carlos Magalhães de Azeredo poeta e umanista americano* em 1931. Nesse estudo, o que substancialmente emerge é um perfil do diplomata através de memórias e notas que o próprio Azeredo disponibiliza num jogo de

autorrepresentação por interposta pessoa que pretende desenhar uma certa afirmação no panorama das Letras Brasileiras de Azeredo, apesar da distância geográfica, reivindicando por exemplo o legado de Machado de Assis, como mestre e fonte de inspiração do diplomata-escritor. No excerto dedicado a Machado deste volume, Giuseppe Alpi não hesita - numa nota de rodapé - a autopromover as suas traduções de Machado para italiano anunciando também que: «vedranno la luce prossimamente, speriamo: *Esau e Giacobbe e Storie da Machado de Assis*». Duas traduções que nunca virão a ser publicadas. A atividade de publicista de Giuseppe Alpi é longa e articulada: na década de 20 publica ensaios sobre a situação política da América Latina e na década de 30, está integralmente empenhado em divulgar e publicar estudos, traduções e ensaios sobre cultura e sociedade brasileiras em italiano. Giuseppe Alpi foi um representante do *Istituto Cristoforo Colombo* de Roma, instituição criada pelo Fascismo para o fortalecimento das relações ente Itália e América Latina e com os países da Península Ibérica (numa ideológica visão de Latinidade que o próprio Mussolini não hesita em elogiar) que publica uma revista semestral *Colombo* (1926-1930). Podemos dizer que Alpi, com a ajuda e a cumplicidade de Magalhães de Azeredo, realiza ao longo da década de 30 uma atividade de divulgação machadiana em Itália bastante estratificada: Alpi e Azeredo, por exemplo, assinam o verbete “Machado de Assis” no volume XXI da mais prestigiada enciclopédia italiana do século XX: a *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti* fondata da Giovanni Treccani.

Alpi assina também a tradução de *Quincas Borba* (em duas edições de 1930 e 1934) pela mesma editora de Milão, Corticelli, intituladas respetivamente: *Gioachin Borba, l'uomo o il cane?* E *La fortuna di Rubiano (quincas Borba)*. Em 1930, publica a já citada tradução italiana de *Dom Casmurro*, pelas edições do Istituto Cristoforo Colombo. Remonta ao ano de 1933, a publicação de um conto machadiano *Giulietta e Romeo o le lagrime di Serse*, pela Società Editoriale Arena, de Verona que parece ser uma edição fantasma (ou de alguma forma inacessível hoje). Giovanni Alpi em 1937, publica também em volume uma espécie de pioneira (pela cultura italiana) e breve história da Literatura Brasileira: *Sommario storico della Letteratura Brasiliana* dividida em quatro capítulos: Periodo di Formazione, Periodo del contrasto all'influenza lusitana, Periodo dell'autonomia, Scrittori d'oggi. No capítulo III, Período da autonomia,

Machado é apresentado com Aluizio de Azevedo como o maior representante do naturalismo brasileiro e como «il più perfetto dei romanzieri brasiliani» (Alpi, 1937, p. 24).

## **Conclusão**

A recepção italiana de Machado começou por ser caracterizada por dois projetos editoriais que, como já foi dito, podem ser considerados muito diferentes. Apesar do *milieu* de onde saíram e da orientação cultural que os caracterizou, o primeiro Machado italiano parece ter sido entendido parcialmente e divulgado de forma equivocada por ter que responder às exigências dos editores e, como vimos, no caso do projeto Carabba também pela dupla, ideologicamente conotada, Magalhães de Azevedo e Alpi que desenvolveram uma espécie de plano de divulgação editorial de Machado que não deu os resultados esperados.

Como por vezes acontece, nem sempre um País está pronto para receber um grande escritor. A Itália ainda hoje continua à espera do seu Machado. O próprio Machado, postumamente agradecerá esse novo e renovado reencontro possível.

## Referências Bibliográficas

Giuseppe Alpi, *Carlos Magalhães de Azeredo poeta e umanista americano*, Società Tipografica Castaldi, Roma, 1931.

Giuseppe Alpi, *Sommario storico della letteratura Brasiliana*, Archetipografia di Milano, Milano, 1937.

Giuseppe Alpi e Carlos Magalhães de Azeredo, «Machado de Assis» in *Enciclopedia Italiana*, Vol. XXI, p. 777.

Chevrel, Yves, *La Littérature comparée*, PUF, Paris, 2016.

Formiggini, Angelo Fortunato, *Dizionario rompitascabile degli editori italiani compilato da uno dei suoi suddetti*, Roma, 1928.

Machado de Assis, Joaquim Maria, *Memorie Postume di Braz Cubas*, traduzione italiana di Mario da Silva, Corbaccio, Milano, 1928.

Machado de Assis, Machado de Assis, Joaquim Maria, *Memorie Postume di Braz Cubas*, 2 volumi, traduzione, introduzione biografica e note del Dr. Giuseppe Alpi, Carabba, Lanciano, 1929.

Marchetti, Ada Gigli, *Le edizioni Corbaccio: storia di libri e di libertà*, prefazione di Franco Della Peruta, Franco Angeli, Milano, 2000.

Oliva, Gianni (a cura di), *La casa editrice Carabba e la cultura italiana ed europea tra Otto e Novecento*, Bulzoni, Roma, 1999.

Oliva, Gianni, «Rocco e i suoi consulenti. Carabba di Lanciano dalla provincia all'avventura del Novecento», in "Pretext", n. 12, 2020, pp. 44-49

Palma, Anna, «Machado de Assis in Italia», in A. Guerini, L. Ferreira de Freitas, W.C. Costa (org.), *Machado de Assis Tradutor e Traduzido*, Ed. Copiart, Florianópolis, PGET/UFSC, 2012, pp. 109-128.

Pelleriti, Carmela, *Le edizioni Carabba di Lanciano: notizie e annali (1878-1950)*, Vecchiarelli, Manziana, 1997.

Rouanet, Sérgio Paulo, «Apresentação» in *Correspondência de Machado de Assis*, vol. III (1890-1900), ABL, Rio de Janeiro, 2011, pp. VI-XXXIII.

Salomão, Sonia Netto, *Machado de Assis e il canone occidentale. Poetica, contesto, fortuna*, Carocci, Roma, 2023.

## **Bio**

**Vincenzo Russo** é professor associado de Literatura Portuguesa e Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade de Milão onde coordena a Cátedra António Lobo Antunes (Instituto Camões). Entre os seus volumes mais recentes: *A Resistência contínua. O colonialismo português, as lutas de libertação e os intelectuais italianos* (Afrontamento, 2022); com Roberto Vecchi, *A Literatura Portuguesa. Modos de ler* (Glaciar, 2022). Em português, publicou também *A suspeita do Aveso. Barroco e neobarroco na poesia portuguesa contemporânea* (2008). É tradutor de autores portugueses (Bocage, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Eduardo Lourenço, António Ramos Rosa, José Luís Peixoto), brasileiros e africanos. De 2014 a 2021, foi Secretário Geral e Tesoureiro da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). Organizou em 2023 com Miguel Cardina e Elisa Alberani a Exposição no Museu do Aljube e o livro *Revoluções. Guiné-Bissau, Angola e Portugal (1969-1974)* com as fotografias do repórter italiano Uliano Lucas.